

ARCAÍSMOS E PROGRESSOS NA EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO CARTOGRÁFICO DO MUNDO (SÉCULOS XV A XVIII)

Maria Fernanda Alegria

“(…) os mapas transmitem com a mesma facilidade os erros e as verdades e não são, infelizmente, sempre os melhores mapas que têm mais aceitação em determinada época” (S. Daveau, *A Pintura do Mundo* (...), Porto, 1992, p. 16).

A dimensão deste texto não permite senão documentar brevemente a sinuosidade do percurso do conhecimento cartográfico, através do comentário de alguns mapas, paradigmáticos de avanços e pausas nessa evolução. Para isso, recorreremos a espécimes onde são figurados espaços distintos: o conjunto do Planeta, a Península Ibérica e Portugal Continental.

1. Imagens contraditórias do Mundo dos séculos XV e XVI

A História da Cartografia ficou marcada no século XV por 3 acontecimentos que se repercutiram de forma contraditória nas representações cartográficas do Planeta – a redescoberta da *Geographia* de Ptolomeu,

provavelmente escrita no século II, o início das viagens de exploração de portugueses e espanhóis e, enfim, a invenção da imprensa, que permitiu difundir amplamente diferentes formas de olhar a Terra.

A imagem ptolomaica da Terra que a figura 1 traduz inscreve-se na “teoria terrestre”, por oposição à “teoria oceânica” (F. Relaño, inédito), com raízes na Antiguidade Clássica. O confronto entre as 2 perspectivas – a primeira defendendo uma superfície terrestre com continuidade espacial envolvendo bacias aquáticas fechadas, a segunda considerando que há ligação física entre mares – passou a colocar-se em termos diferentes desde os descobrimentos ibéricos. Progressivamente, a forma e distribuição de terras e mares será representada em função do que era observado e não com base em deduções teóricas, em pretensos ensinamentos bíblicos ou em estranhas imagens cuja origem se perdeu na profundidade dos tempos.

No início do século XV coexistiam ideias muito diversas sobre o Planeta Terra. A imagem difundida pelos mapas que acompanham a *Geographia* de Ptolomeu foi porventura a mais inovadora, mas também a que mais entrou o processo de afirmação da experiência como base das figurações do nosso Planeta.

As principais “inovações” na imagem da Terra de Ptolomeu residem na concepção da superfície terrestre como uma esfera e no próprio processo de representação da forma esférica num plano (o que só com Mercator, nos finais do século XVI, na projecção que ficará com o seu nome, terá solução matemática relativamente adequada). As deficiências maiores, face aos conhecimentos actuais, estão na comunicação directa entre continentes, na diminuta dimensão da *ecumena* (180° de longitude das Ilhas Afortunadas até à China e cerca de 78° de latitude, desenvolvidos entre os 63° N e os 16° S, que passam a 24° S na edição de Ulm, 1482) e na excessiva extensão do Mediterrâneo (62° em vez dos 42° reais). A acrescentar a estas faltas de verdade note-se o grosseiro perfil dos continentes, excepção feita ao contorno do Mediterrâneo, e a escassez de dados sobre o seu interior.

A imagem da Terra mais difundida nos finais da Idade Média era a dos mapas de tipo T em O (fig. 2), na qual a superfície de um círculo está dividida em 3 partes pela letra T, cujos braços são formados pelo Mediterrâneo, na vertical, os rios Don e Nilo na horizontal. Os braços do T separam os continentes asiático, no topo do círculo, o europeu e o africano por baixo, à esquerda e à direita. No meio situa-se Jerusalém, o centro do mundo; nos confins da Ásia fica o Paraíso.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

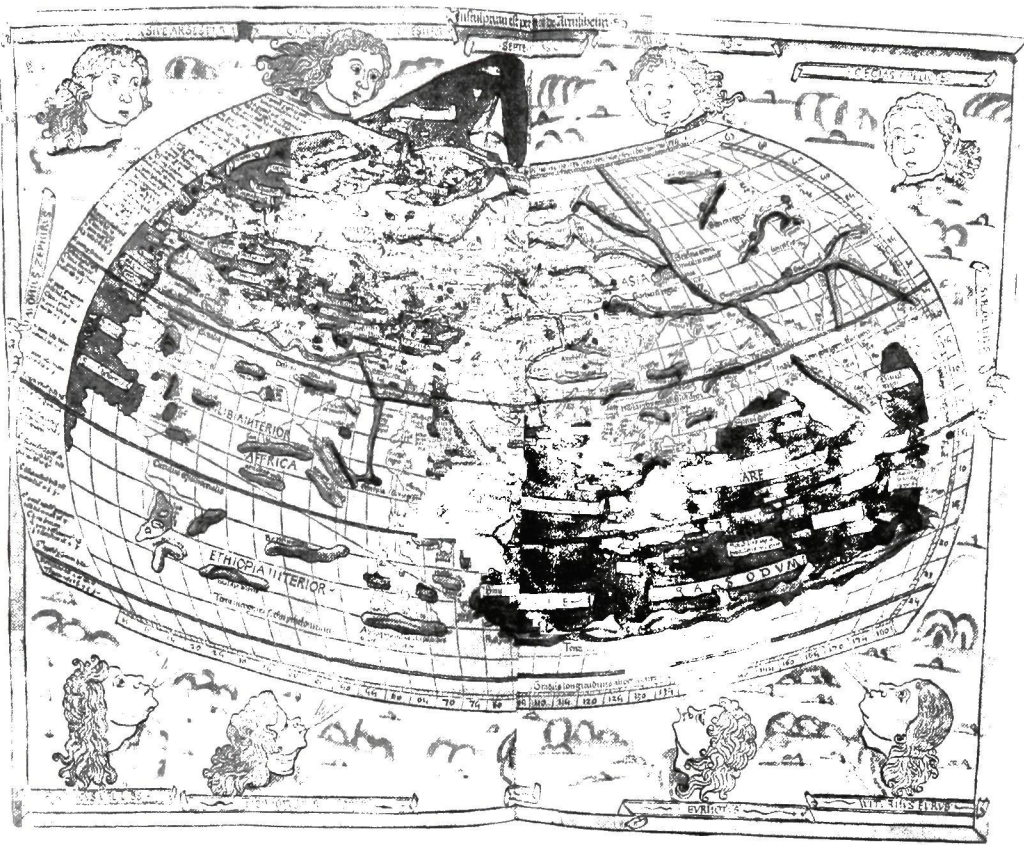


Fig. 1 – Planisfério inserto na edição de Ulme, 1482, da *Geographia* de Ptolomeu.

Fonte: *Portugal na Abertura do Mundo* (1991, 3.^a ed.) – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, pp. 12-13.

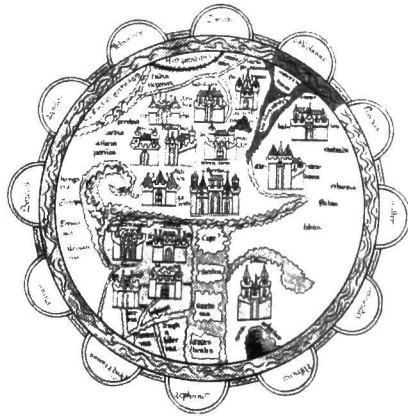


Fig. 2 – Imagem da Terra de tipo T em O, difundida no século XV.

Fonte: CAPEL, Horacio; URTEAGA, J. Luis (1982) – *Las Neuvas Geografias*, Salvat Editores, S.A., Barcelona, p. 8.

Tempo, Temporalidades, Durações

Embora esta figuração se aproxime mais da realidade, no que diz respeito à comunicação entre oceanos, ela distancia-se demasiado do real pela dominância do imaginário nas representações, como sucede com a figuração do Paraíso, a atribuição do “centro do mundo” a um lugar religioso ou, ainda, pelo esquematismo e errada localização relativa dos continentes, nalguns casos “apropriados” pelos filhos de Noé: Sem, Cão e Japhet.

Perante tão contraditórias figurações da Terra, uma das quais de Ptolomeu, autor cuja autoridade no início do Renascimento era indiscutível, como é provado pelas várias edições da *Geographia* (5 entre 1475, data da primeira edição, ainda sem mapas, e 1490), como encarar a viagem de Bartolomeu Dias, que permitiu verificar a comunicação entre o Oceano Atlântico e o Índico, e a de Vasco da Gama que percorreu efectivamente os dois oceanos? Na sequência deste périplo, que mapas se atreveram a enfrentar a autoridade de Ptolomeu, para quem o Índico era um mar interior?

Provavelmente no mesmo ano em que Vasco da Gama atingiu a Índia por mar difundia-se no Ocidente o mapa de Henricus Martellus (fig. 3), talvez o primeiro mapa-mundo, baseado em viagens portuque-

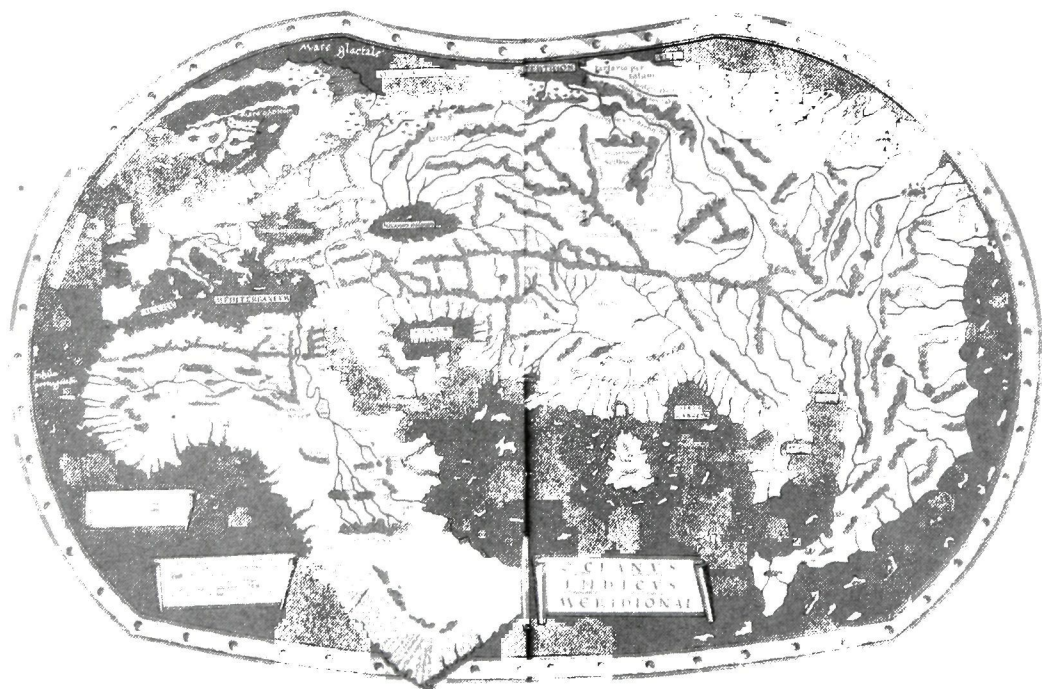


Fig. 3 – Mapa mundo de Henricus Martellus, c. 1489.

Fonte: *Portugal na Abertura do Mundo* (1991, 3.^a ed.) – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, pp. 28-29.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

sas, a contradizer frontalmente as concepções cartográficas de Ptolomeu (os mapas de Andrea Bianco, de 1448, e de Fra Mauro, de 1459, seriam os primeiros, se a figuração não levantasse tanta controvérsia, tendo em conta que a viagem de Bartolomeu Dias tardaria cerca de 30 anos a concretizar-se).

Como se pode ver na figura 3, esta representação do Planeta afasta-se consideravelmente da de Ptolomeu. A maior diferença expressa estará na comunicação indiscutível entre Atlântico e Índico; outra, na configuração da costa Oeste do continente africano, que reproduz anteriores cartas-portulano, elaboradas com base nas explorações atlânticas portuguesas. Para a concepção do mapa, acima de tudo, os contornos do continente africano figurados conforme o que se vê, e não de acordo com autoridades científicas e religiosas ou com tradições míticas. Nas partes do mundo que não se conhecem, ou se conhecem mal, prevalece o saber de autores anteriormente aceites, como Marco Polo para a Ásia, por exemplo.

Até aqui confrontámos imagens da Terra de autores diferentes. Do mesmo autor, porém, podem ser difundidas imagens dificilmente conciliáveis: umas baseadas na experiência, na observação directa da realidade (fig. 4), outras porventura reconstruídas segundo mandam os clás-

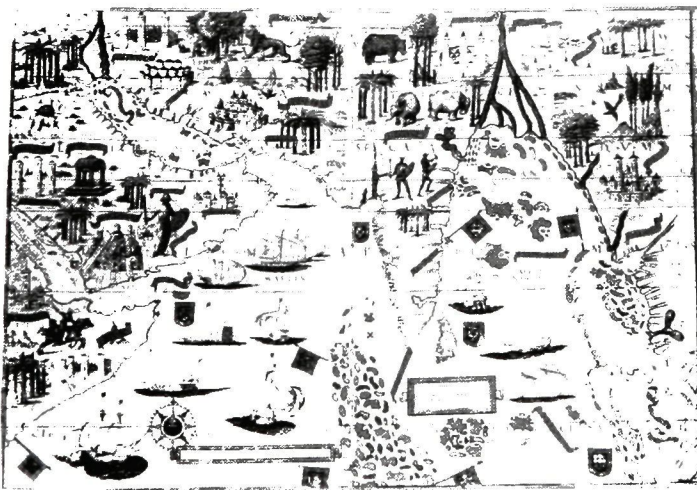


Fig. 4 – Portulano do Índico inserido no chamado *Atlas Miller* de Lopo Homem-Reineis, 1519.

Fonte: *Portugal na Abertura do Mundo* (1991, 3.^a ed.) – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, p. 57.

Tempo, Temporalidades, Durações

sicos, de que Ptolomeu é o expoente (fig. 5). Falamos de Lopo Homem, um dos cartógrafos que mais marcou este período inicial da História da Cartografia portuguesa.

Ainda está por explicar que este mesmo autor produzisse mapas tão antagónicos. Enquanto o conjunto do chamado “Atlas Miller”, de que as figuras 4 e 5 fazem parte, inclui mapas onde se registam observações de viagens por mar (neste caso com belas ilustrações, o que indicia um uso náutico pouco provável), o mapa-mundo que abre esta colecção de cartas-portulano (fig. 5) não tem filiação na experiência, no que se observou. Embora o mapa-mundo de Lopo Homem retire informação das viagens de exploração ibéricas, como o contorno ocidental do continente africano bem documenta, esses dados são justapostos a outros ainda não verificados, como a continuidade espacial entre o Brasil e a Ásia através de um continente austral bordejado de ilhas imaginadas.



Fig. 5 – Mapa Mundo de Lopo Homem, 1519.

Fonte: *Portugal na Abertura do Mundo* (1991, 3.^a ed.) – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, pp. 80-81.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

Este mapa-mundo é tanto mais estranho, quanto em 1502, isto é, 17 anos antes – e a data de 1502 é segura – já existia o chamado “planisfério Cantino” (fig. 6), porventura o mais admirável mapa renascentista português. Apesar de certas incorrecções no perfil do sul da Ásia, temos de admirar o realismo do autor na incompleta, mas intencional, figuração da América do Sul – onde só em 1500 Pedro Álvares Cabral tinha aportado – e mesmo a representação da América do Norte, também ainda muito mal conhecida. O vazio do interior dos continentes, de que a Ásia é a melhor expressão, constitui outra prova de que nos mapas, contrariamente ao que se passava quase sistematicamente antes das explorações atlânticas, se começou a representar o que se tinha visto e não o que alguém tinha imaginado. A “especialização” da Cartografia, isto é, a aceitação de que eram necessários mapas náuticos, como este, diferentes dos terrestres é outra importante faceta deste mapa.

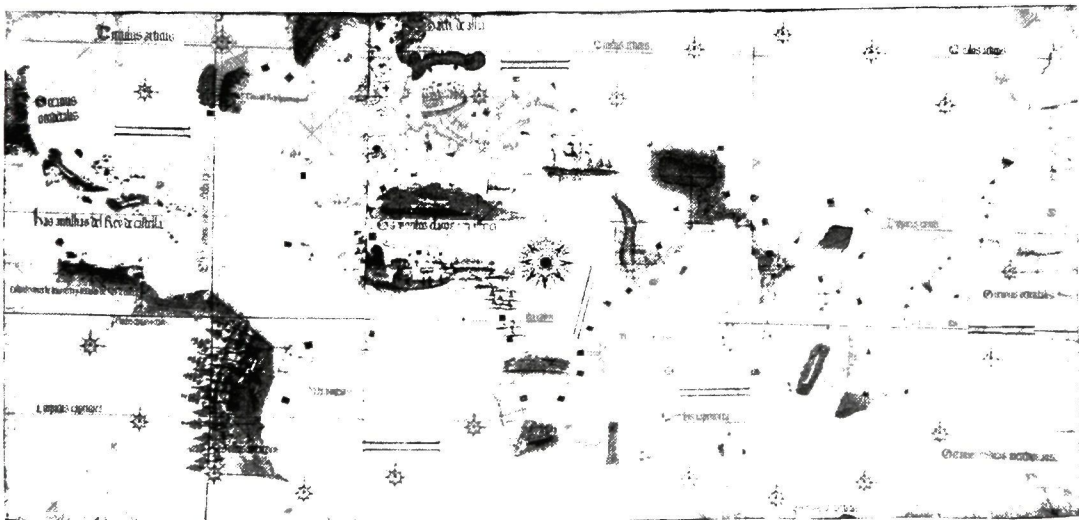


Fig. 6 – “Planisfério Cantino”, 1502.

Fonte: *Portugal na Abertura do Mundo* (1991, 3.^a ed.) – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, p. 57.

Mas esta intenção, realista, experimental, bem documentada por alguns mapas, será desmentida por outros espécimes no decurso da história vindoura.

2. A construção do mapa da Península Ibérica entre os séculos XVI e XVIII

Embora os estudos recentes sobre a Cartografia ibérica não sejam muito abundantes, outro tanto se não pode dizer dos mapas, que somam seguramente algumas centenas. Daí a dificuldade em seleccionar espécimes e, também, de decidir os aspectos que esta rápida leitura devia contemplar. Na dúvida, optámos por continuar a orientar os olhares para a linha que separa a superfície terrestre da marítima, porventura a característica que mais salta à vista numa rápida observação de conjunto como esta. Excepcionalmente far-se-á referência a um ou outro aspecto do interior da Península Ibérica.

Os mapas que seleccionámos contemplam uma *Tabula Hispanica*, incluída na edição de [1540?] da *Geographia* de Ptolomeu, feita em Basileia por Sebastião Münster (fig.7) e várias *Tabula Novae* da mesma



Fig. 7 – *Tabula Hispanica* incluída na edição da *Geographia* de Ptolomeu de Sebastião Munster, Basileia [1540?].

Fonte: ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, *In Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, p. 39.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

Geographia: uma, datada de 1482 (ed. de Ulm, fig. 8), outra de 1572 (ed. do *Theatrum Orbis Terrarum* feita em Amesterdão, fig. 9). Do século XVII retivemos um mapa de 1618/19 (ed. de Jodocus Hondius, também em Amesterdão, fig. 10) e a edição de Willem Blaeu de 1613, preparada na mesma cidade (fig.11). Um exemplar do século XVIII, editado em Espanha por Tomás López em 1770 completa esta colecção de mapas da Península Ibérica (fig.12).

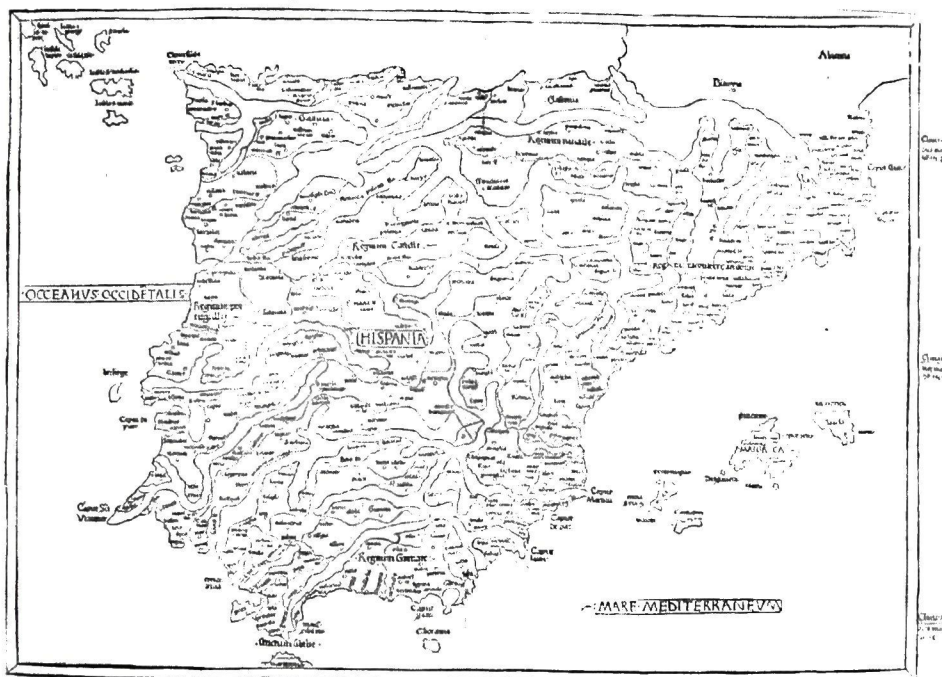


Fig. 8 – *Tabula Novae* da Península Ibérica editada em Ulm em 1482.

Fonte: HERNANDO, Agustin (1995) – *El Mapa de España*, Centro Nacional de Información Geográfica, s.l., p. 94.

Num rápido olhar sobre a figura 7 é provável que seja o incisivo promontório do Sudoeste peninsular o aspecto que mais atrai a atenção, para quem está minimamente familiarizado com o contorno de Portugal e da Península onde ele se situa. A existência desta enorme protuberância, a forma trapezoidal e a imponente presença dos Pirinéus são aspectos muito marcantes da imagem medieval da Península ¹, tantas vezes repetida nas numerosas edições seiscentistas e setecentistas da *Geographia* ptolomaica.

¹ Omitimos intencionalmente a menção à Hispânia, à Lusitânia e à Bética; também não nos referimos à presença ou ausência de fronteira política terrestre, aspectos comentados por João Carlos Garcia (1996).

Tempo, Temporalidades, Durações

A primeira versão corrigida da imagem da Península Ibérica, ou seja, a primeira *Tabula Novæ*, seria editada em Ulm (e, na mesma data, também em Florença) no ano de 1482 (fig. 8). As diferenças em relação à figura anterior são substanciais: a presença da protuberância do Cabo de S. Vicente diminui, enquanto a Galiza adquire um certo volume e a forma rectangular da Península se afirma. Certos golfos como o de Cádiz ainda não se aproximam do contorno real. As imaginárias *Ilhas Cassitérides*, no extremo Noroeste ganham uma presença inusitada.

Será com Abraham Ortelius, na edição do seu *Theatrum Orbis Terrarum* de 1572, que se começa a difundir uma nova figuração da Península Ibérica (fig. 9). O contorno geral aproxima-se muito mais do que hoje conhecemos em mapas e atlas de diversas escalas; figuram-se ilhas reais e eliminam-se as que tinham sido fantasiadas; desenha-se a fronteira



Fig. 9 – *Tabula Novæ* inserta na edição de 1572, Amesterdão, do *Theatrum Orbis Terrarum* de Ortelius.

Fonte: ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, in *Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Porto, p. 53.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

política entre Portugal e Espanha, que se inspira, mas não reproduz, a do mapa de Portugal de Álvaro Seco a que a seguir nos referiremos; enfim, uma profusão de informações, com uma expressão totalmente diferente da que as figuras 7 e 8 mostram, povoa o interior da Península.

Aparentemente evolui-se no sentido de maior exactidão, o que contraria a opinião anteriormente expressa. Na realidade o percurso é sinuoso. O mapa editado por Jodocus Hondius em 1618/19 (fig.10), que retoma o mapa gravado por Gerard Mercator em 1578, mostra que no século XVII as imagens ptolomaicas marcavam ainda presença.



Fig. 10 – Reedição do mapa da Península Ibérica feita em Amesterdão por Jodocus Hondius em [1618/19], de gravação para a *Geographia* de Ptolomeu de Gerard Mercator, 1578.

Fonte: ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, in *Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, p. 49.

A família de cartógrafos Blaeu seria quem mais divulgaria as imagens do Mundo que ia sendo conhecido. Mas, o mesmo pesadíssimo atlas (chegou a ter mais de 600 mapas) que compilava e difundia as mais recentes descobertas da figuração de terras e gentes, juntava representações como a que se mostra na figura 11. Se é certo que há porções do

Tempo, Temporalidades, Durações

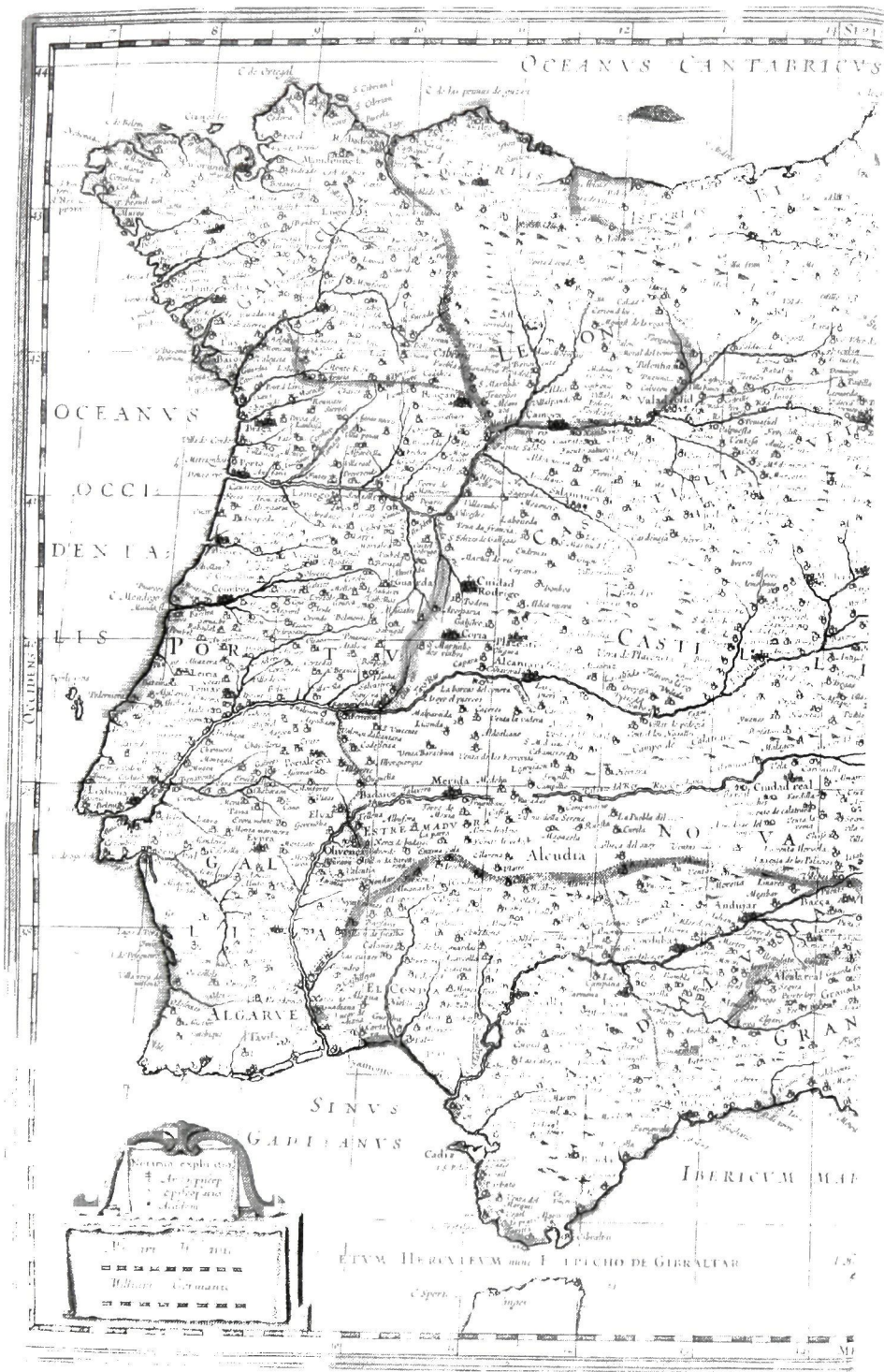


Fig. 11 – Parte ocidental do mapa da Península Ibérica editado em Amesterdão por Willem Blaeu, 1613.

Fonte: BLAEU, Joan (1990) – *Grande Atlas do Mundo*, Real Sociedade Geográfica de Londres e Verbo, Lisboa, p. 124.

litoral de Portugal cujo recorte nos parece familiar, olhando para a Galiza, parece que voltamos ao início do século XVI – o Cabo Finisterra excede em quase 1° de longitude o Cabo da Roca, na realidade o ponto mais ocidental do continente europeu. Se nos detivermos na fronteira terrestre, descobrimos um norte de Portugal muito encolhido no sentido Norte/Sul, apesar da vincada protuberância minhota, enquanto as Beiras se estendem no sentido Leste/Oeste.

De que fontes se serviu a família Blaeu e as oficinas cartográficas anteriores e porquê? Talvez esteja aqui a pergunta mais enigmática na fase actual dos conhecimentos. É provável que mais do que inovar, no sentido de trazer algo de novo e mais correcto às formas de figuração do Planeta, se procurassem vender as imagens mais apetecidas, porque melhor decoradas. Além disso, imprimiam-se seguramente as mais fáceis de reproduzir, isto é, as que não obrigavam à produção sistemática de novas chapas de gravação para cada nova edição de atlas. Editar muitos mapas, mas não necessariamente os melhores, foi o que os holandeses primeiro, depois os alemães, franceses e ingleses souberam fazer defendendo involuntariamente, assim, o nosso património o qual, sem esse empenho, estaria quase totalmente perdido. Nestes países editaram-se e deste modo conservaram-se muitos milhares de mapas, cujo alinhamento cronológico de edições não reflecte a evolução real do conhecimento do Planeta, que ficou sujeito às vicissitudes do nascimento e crescimento de casas comerciais concorrentes.

No século XVIII a febre dos editores cartográficos flamengos, holandeses e franceses diminui. Entram na corrida os ingleses e os países do Sul da Europa que ambicionam reaver a primazia perdida. Em Espanha, uma figura incontornável é Dom Tomás López, um prolífico compilador de mapas no seu próprio gabinete. Aí reúne informação, aí a depura para passar ao papel. Da sua abundante produção reproduzimos este mapa da Península de 1770 (fig. 12), que pouco melhora anteriores figurações desta parte da Europa. Repare-se no defeituoso contorno da Galiza e na convexidade do perfil norte, ou mesmo no estreito contorno do Norte de Portugal que se alarga progressivamente para Sul, lembrando quase uma pera.

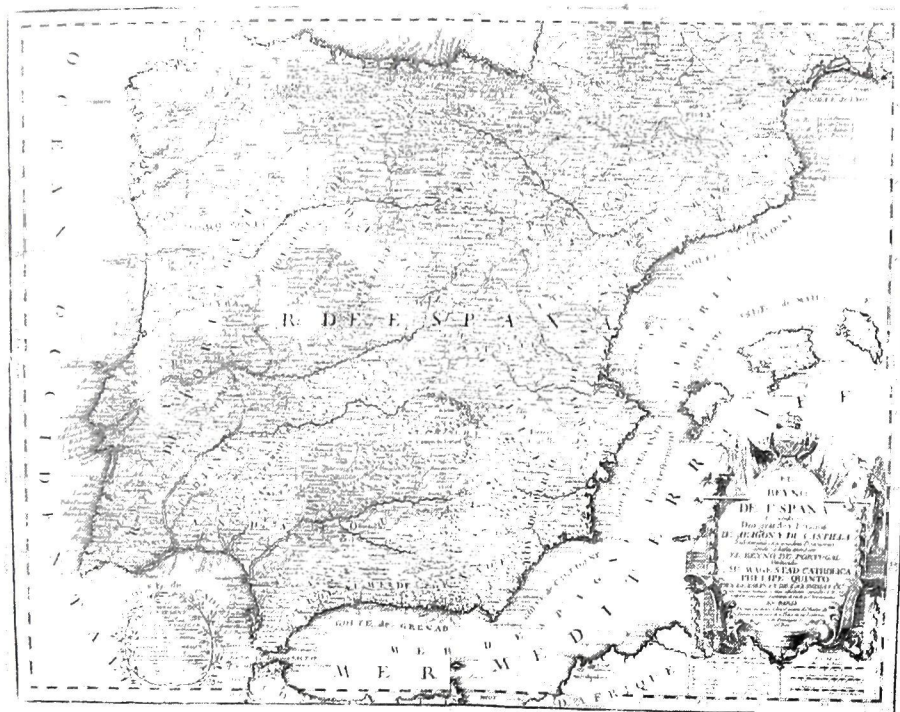


Fig. 12 – Mapa da Península Ibérica de Dom Tomás López, 1770.

Fonte: HERNANDO, Agustin (1995) – *El Mapa de España*, Centro Nacional de Información Geográfica, s.l., p. 245.

3. Representações cartográficas de Portugal Continental dos séculos XVI a XIX

Foi em Roma em 1561 (eventualmente em 1560) que se imprimiu o primeiro mapa de Portugal Continental, embora haja fortes suspeitas de que existissem mapas do País anteriores (S. Daveau, J. Galego, 1995). Do autor, Fernando Álvaro Seco (ou Vernando Álvares Secco), quase nada se sabe. O seu mapa, porém, ficou para a História graças à sua inclusão nas numerosas edições do *Theatrum Orbis Terrarum* de Ortelius, a partir de 1570. A segunda edição deste mapa, feita em Antuérpia em 1565, apresenta diferenças em relação à de Roma, a começar pela identificação do espaço figurado: na erudita versão italiana, destinada ao cardeal Guido Sforza, indica-se a “Lusitania”; quando se tem em vista um amplo público regista-se Portugal, “outrora Lusitania”. Estas duas versões serviriam de inspiração a diversos editores durante mais de um século.

A figura 13 reproduz a edição italiana do *Theatrum* feita em 1612 ou 1618. Repare-se na beleza do mapa. Não temos aqui um Portugal-ilha, imagem tantas vezes repetida, mesmo em obras actuais de autores con-

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

sagrados, que já nem a criticamos. Sabemos que Portugal não é uma ilha, mas figuramo-lo como se o fosse e achamos natural. Paradoxo semelhante ao de escrevermos com erros e considerarmos que isso não tem

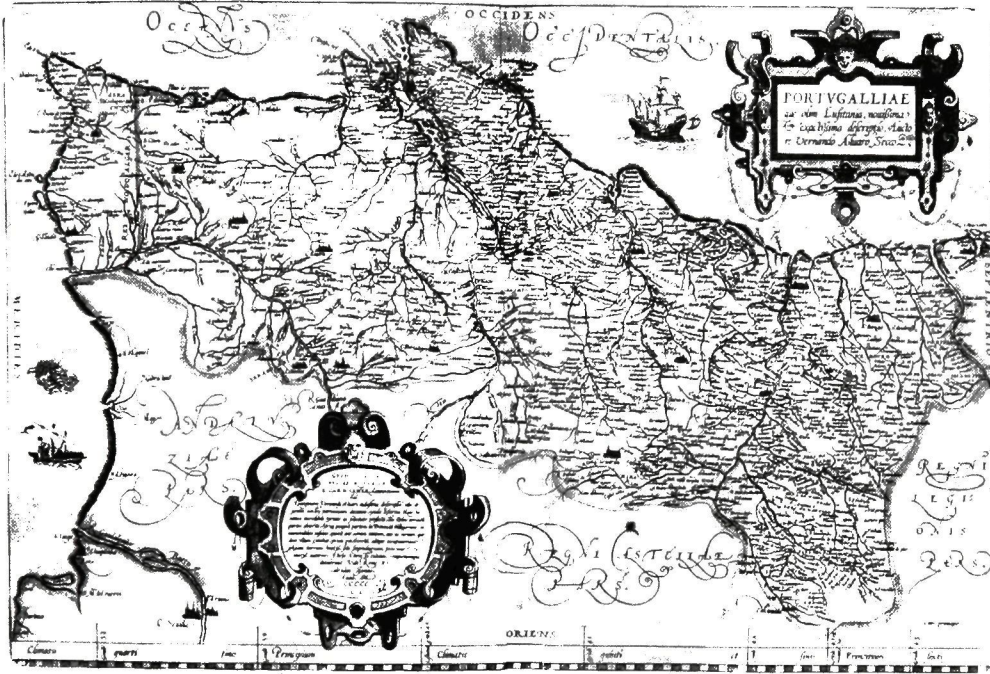


Fig. 13 – Mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco, inserido na edição de 1612 do *Theatrum Orbis Terrarum* de Ortelius.

Fonte: DIAS, Maria Helena; BOTELHO, Henrique Ferreira (coord., 1998) – *Quatro Séculos de Imagens da Cartografia Portuguesa*, Comissão Nacional de Geografia; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa, p. 4.

importância. Portugal parece deitado, porque no topo do mapa está o Ocidente, isto é, o mar, e não o Norte como nos habituámos a ver. Talvez isto tenha uma explicação: Portugal é cabeça da Europa e, já que o é, tem de situar-se acima dele, e não de lado, a Leste². Esta orientação (note-se a

² Luis de Camões, como Orlando Ribeiro recorda (1971), dá nos *Lusíadas* (III, 20) a seguinte imagem:

Eis aqui, quase cume da cabeça
Da Europa toda, o Reino Lusitano
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Phebo repousa no oceano

correspondência entre este vocábulo e o ponto cardeal) reforça a importância do grande Oceano que os portugueses se aventuraram a explorar, no topo, bem visível. Visíveis e agradáveis são também as duas cartelas, uma com o título, outra com a dedicatória a Guido Sforza. Barcos e animais marinhos enchem a superfície aquática, equilibrando-se assim o desenho bastante cheio do interior do País.

Para retomarmos o fio de pensamento usado na análise dos mapas anteriores, olhemos para o contorno do País, no mapa da figura 13. Se exceptuarmos a inclinação exagerada para Nordeste da parte setentrional do País (há uma rotação de cerca de 12 graus), pode dizer-se que o perfil se aproxima bastante do de mapas recentes. Há naturalmente imprecisões, de que destacamos no litoral Oeste: a exagerada dimensão do cabo a norte do Rio Mondego, as mal orientadas restingas da Ria de Aveiro (S. Daveau, 1992), o bicudo recorte da Península de Lisboa, o falso desenho do Cabo de Sines e dos pequenos acidentes costeiros do Alentejo. Na costa algarvia, nada que mereça destaque.

Dada a nítida demarcação da fronteira terrestre, algumas observações a esse respeito: como sugeriu João Garcia (1996), o traço não desenha uma fronteira política definida; antes contorna de maneira relativamente imprecisa as povoações situadas mais a oriente, ou as cabeceiras dos rios que, segundo Álvaro Seco, se aproximam mais do País vizinho. Assim sendo, difícil será comparar o traçado da fronteira terrestre num mapa de meados do século XVI, com a que se desenha nos mapas recentes, pois os conceitos em comparação são diferentes.

A imagem que acabámos de comentar, de 1612 ou 1618, é muito parecida com a impressa por Ortelius em 1570. A mesma semelhança não aparece na figura 14, que reproduz a edição de [1593] de Gerard Jode. A torção que assinalámos a norte do estuário do Tejo foi corrigida; em compensação exagera-se a inclinação para sudeste do troço a sul do Tejo. Quanto às imprecisões dos recortes, em vez de se atenuarem, acentuam-se. Note-se a excessiva dimensão da restinga norte da Ria de Aveiro, o exagero da reentrância a norte dela, a concavidade do perfil costeiro na área de Peniche e o impreciso contorno do litoral próximo de Sintra. No Sul, o exagero da inclinação para nordeste entre o Cabo de S. Vicente e o limite interior do mapa não tem explicação. Resta acrescentar que Gerard Jode foi o editor em 1565, em Amesterdão, da segunda versão do mapa de Portugal de Álvaro Seco e que essa imagem era muito menos imprecisa do que esta de cerca de 1593, que podemos considerar pobre e infeliz. Interpretar este paradoxo não é fácil. Pode colocar-se a hipótese de

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

que a concorrência com Ortelius na edição de um atlas que se chamaria *Speculum Orbis Terrarum*, para o qual só obteria licença em 1578, levou Gerard Jode, porventura, a evitar reproduzir imagens com aparência de “conhecidas”. Outra explicação, também hipotética, é considerar que G. Jode admitia que o mapa de cerca de 1593 era “melhor” que o anterior, o que se pode admitir atendendo ao restrito conhecimento real da Geografia do território. Não se esqueça que o único documento até agora descoberto que nos dá uma panorâmica global do País é Numeramento de 1527-1532, para cuja feitura devem ter existido suportes de natureza cartográfica, que ainda não foram encontrados.

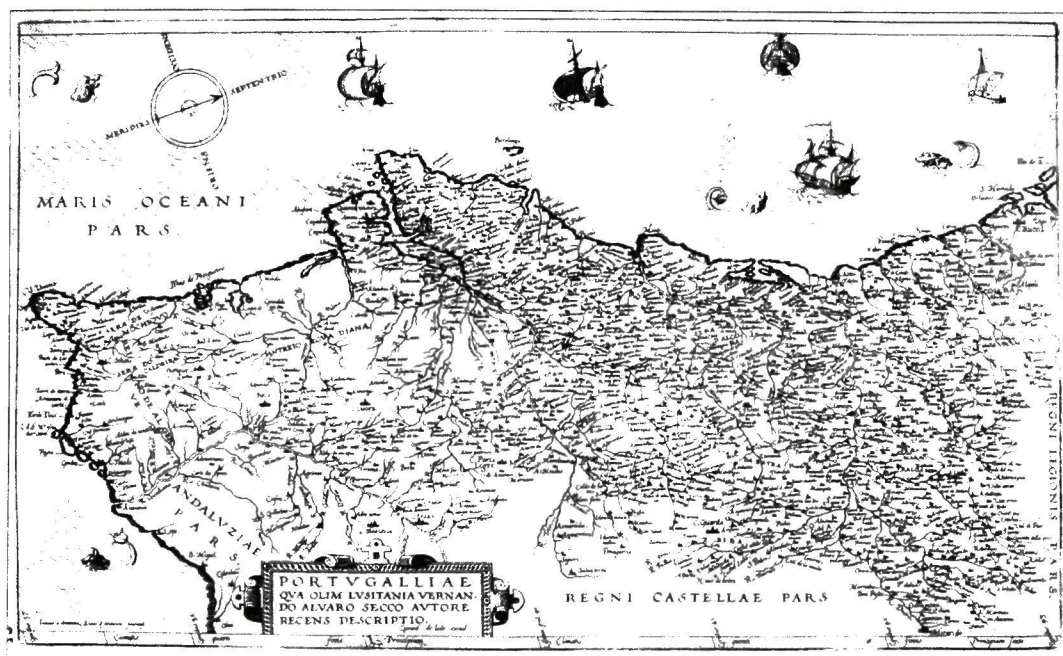


Fig. 14 – Mapa de Portugal, edição de Gerard Jode [1593].

Fonte: ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, in *Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Porto, p. 81.

Foram tantas as imagens de Portugal bebidas em Fernando Álvaro Seco que se lhe perdeu a conta. Até ao ano em que apareceu o mapa de Pedro Teixeira Albernaz, 1662 (fig. 15), nenhum outro lhe fez sombra.

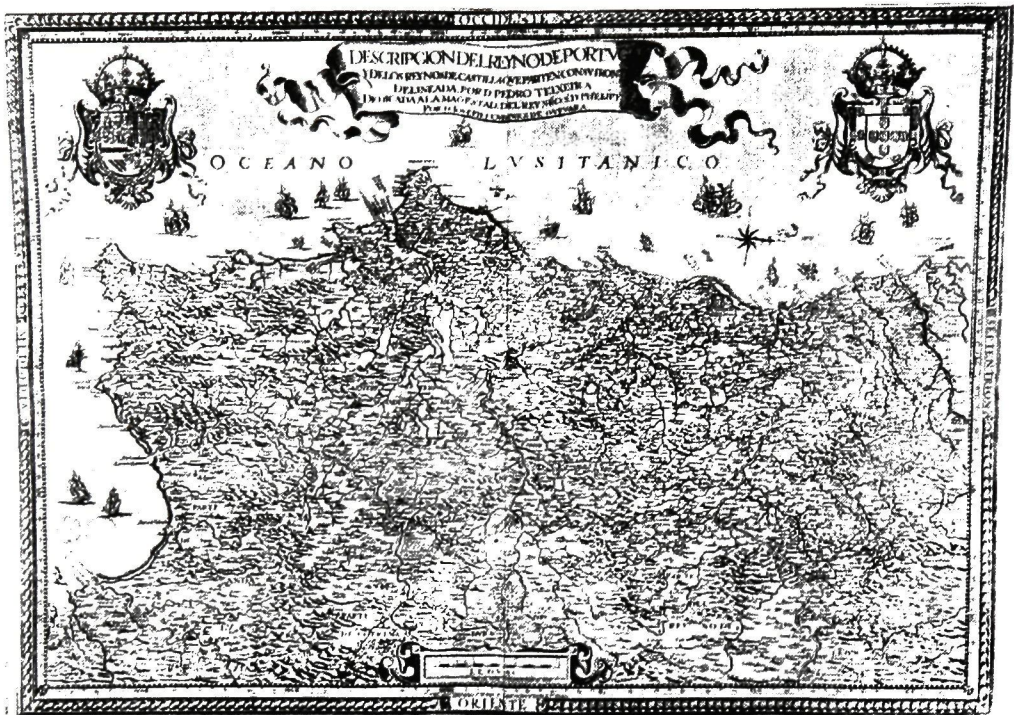


Fig. 15 – Mapa de Portugal de Pedro Teixeira Albernaz, 1662.

Fonte: DIAS, Maria Helena; BOTELHO, Henrique Ferreira (coord., 1998) – *Quatro Séculos de Imagens da Cartografia Portuguesa*, Comissão Nacional de Geografia; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa, p. 5.

O comentário deste mapa, cujos levantamentos parecem datar da década de 1630, terá de ser muito breve porque as imagens de que dispomos não permitem uma leitura cuidada³. Assinalem-se como aspectos positivos a melhor orientação do mapa (ainda com o Oriente no topo), a representação do território fronteiriço espanhol (registre-se que entre 1580 e 1640 as duas coroas estiveram unidas), a densidade de informações sobre povoamento e hidrografia. Outros aspectos podem ser encontrados no volume IV dos *Portugaliae Monumenta Cartographica* e em Maria Fernanda Alegria e Sylvie Rimbert (1978) e Maria Fernanda Alegria (1986).

³ Foi por gentileza do falecido Comandante Avelino Teixeira da Mota que se conseguiu uma reprodução fotográfica do exemplar existente na Biblioteca Nacional de Paris. Apesar de essa imagem facilitar mais a leitura do que a dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*, a grande densidade de informação permanece um obstáculo.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

O mau estado do mapa manuscrito de c.1640 atribuído a João Teixeira Albernaz (fig. 16), pertença da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1964, e o facto de o seu conteúdo não ter merecido até agora mais do que breves referências (Armando Cortesão, 1965) não nos permite senão chamar a atenção para certas semelhanças com a orientação geral de Portugal do mapa de Álvaro Seco de 1561. O desenho do litoral acompanha-se com dificuldade, que é maior ainda para o contorno da fronteira.



Fig. 16 – Mapa atribuído a João Teixeira Albernaz, c. 1640.

Fonte: CORTESÃO, Armando (1965) – “A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento”, *Ethnos*, IV, Lisboa, p. 49.

Não é difícil adivinhar que a fonte de Willem Blaeu para a edição deste mapa de [1635] foi a versão orteliana do mapa de Álvaro Seco (fig. 17). Este mapa de Blaeu seria por sua vez copiado por Jan Jansson, Mathäus Meriam, Lochom, etc. As famílias de mapas de Álvaro Seco continuavam a fazer escola nos meados do século XVII, graças à grande aceitação social dos atlas que fizeram a fortuna de várias famílias de impressores do Norte da Europa.



Fig. 17 – Mapa de Portugal editado por Willem Blaeu [1635].

Fonte: ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, in *Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Porto, p. 91.

Um século depois, em 1734, o que muda? A inserção de um mapa do Reino de Portugal na *Geografia Historica* de L. Caetano de Lima (1736) mostra que o desenho continua tosco (fig. 18). A renovação da Cartografia portuguesa que Azevedo Fortes tentou a partir de 1720, na sequência da criação em Lisboa, por D. João V, da Real Academia de História Portuguesa, consubstanciou-se mais na melhoria da difusão do que na qualidade da figuração. Esta pequena carta e os mapas regionais que normalmente a acompanhavam conheceram uma primeira gravação, por Granpré (ou Grandprez) em 1729/30 e três impressões diferentes no biénio 1762/63.



Fig. 18 – Mapa do Reino de Portugal inserido na *Geografia Historica* de L. Caetano de Lima, 1736.

Fonte: Luis Caetano de Lima, Vol. I, *Geografia Historica*, Lisboa, 1734.

Nesta imagem difundida por L. Caetano de Lima, Portugal “engorda” no sentido Leste-Oeste em todo o território a sul do Douro, enquanto deste rio à fronteira norte a extensão se encurta. O aspecto geral do perfil do País é muito defeituoso; quanto à informação sobre terras e rios, se é verdade que ela se enriquece, também é de notar que as posições relativas têm muitos erros.

Para terminarmos esta selecção de mapas um olhar irónico sobre um mapa de 1861 inserto no compêndio escolar de Geografia de José de Sousa Amado (fig.19). Os olhos dirigem-se imediatamente para as “lombrias” que pretendem figurar as serras; no contorno permanecem alguns dos defeitos comuns a mapas dos séculos anteriores: o desenho da Ria de Aveiro, das penínsulas de Lisboa e de Setúbal, da costa ocidental alentejana, nomeadamente do cabo de S. Vicente. A orientação Sudoeste-Nordeste da costa algarvia retoma também traços de mapas anteriores.

Na sequência dos levantamentos geodésicos que permitiram a elaboração da *Carta Geographica* de 1860/65 inicia-se nova etapa da Cartografia portuguesa, bastante menos conhecida do que a dos séculos contemporâneos dos descobrimentos, à qual estão a ser dedicados alguns estudos, no âmbito de um programa Praxis XXI em curso.

4. Remate

A comparação visual de mapas que fizemos é uma metodologia de trabalho que se pode classificar de “grosseira”. Ela permite registar grandes parentescos e dissemelhanças entre mapas, mas não fazer estudos rigorosos e de pormenor. Um dos grandes problemas que se coloca aos estudiosos de antigos mapas é exactamente o da escolha do processo de análise. Na maior parte dos casos, o rigor do estudo implica a manipulação de informações, por meios mais ou menos sofisticados, com sacrifício da subjectividade, menos apreciada do que o positivismo, este sim tido como seguro. No entanto, o investimento em equipamento e em tempo que estes métodos implicam, não serão um importante entrave à multiplicação de estudos? Seguramente, antes de mais, há que ter o inventário do que existe e acesso aos fundos cartográficos, problema não integralmente resolvido em Portugal (Maria Helena Dias, 1996). Mas, admitindo que o que se conhece permite já desenvolver muito trabalho, teremos de conseguir que os mapas antigos não sejam vistos pelo comum das pessoas apenas como coisas belas que se olham deleitadamente numa sala de espera de um consultório, mas como peças que exprimem conhecimentos, factos

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

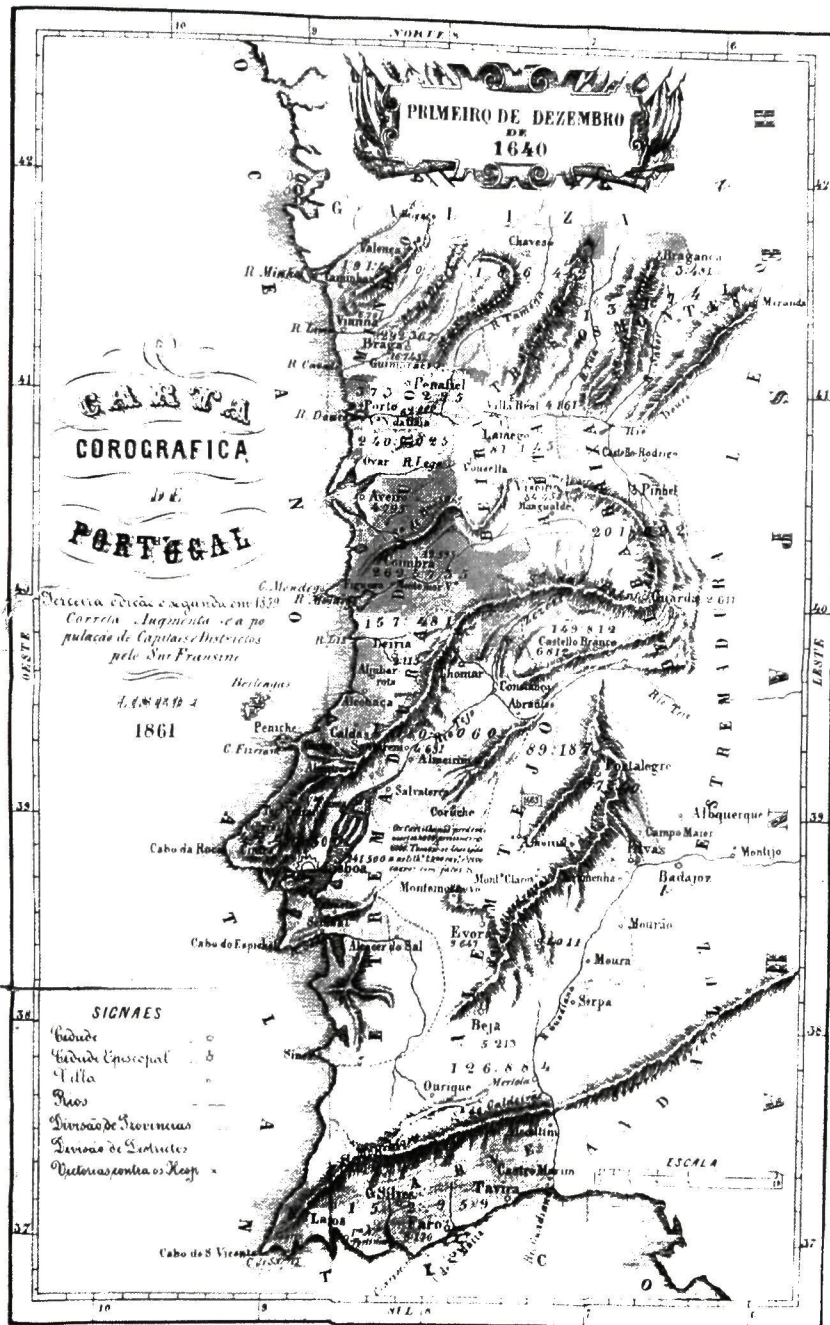


Fig. 19 – Mapa de Portugal inserido no compêndio de Geografia de José de Sousa Amado, 1861.

Fonte: DIAS, Maria Helena; BOTELHO, Henrique Ferreira (coord., 1998) – *Quatro Séculos de Imagens da Cartografia Portuguesa*, Comissão Nacional de Geografia; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa, p. 6.

e concepções de épocas que antecederam aquela em que vivemos. Talvez por isso os velhos mapas tenham sido objecto de estudo de investigadores de tantas áreas de conhecimento: matemáticos, militares, historiadores, geógrafos e até diplomatas. Que este pequeno ensaio faça nascer o interesse de outros estudiosos por estes testemunhos da nossa memória comum.

Bibliografia

- ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1995) – “Aspectos da evolução da Cartografia portuguesa (séculos XV a XIX)”, *In Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia* (coord. M. Helena Dias), Ed. Cosmos, Lisboa, pp. 27-84.
- ALEGRIA, M. Fernanda (1994) – “Fontes cartográficas de Cristóvão Colombo. O mito e a realidade”, *In Las relaciones entre Portugal y Castilla en la Época de los Descubrimientos y la Expansión Colonial* (coord. Ana Maria Carabias), Ed. Universidad de Salamanca, Salamanca, pp. 145-164.
- ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos (1994) – “Imagens de Portugal na Cartografia dos séculos XVI e XVII”, *In Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII. Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, Comissão Municipal Infante 94; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Porto, pp. 9-25.
- ALEGRIA, M. Fernanda; GARCIA, J. Carlos, RELAÑO, Francesc (1997) – “Cartografia e viagens”, *in História da Expansão Portuguesa*, vol. I (dir. de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri), Círculo de Leitores, Lisboa, pp. 26-61.
- CORTESÃO, Armando (1965) – “A mais antiga carta corográfica de Portugal manuscrita de que há conhecimento”, *Ethnos*, IV, Lisboa, pp. 95-99.
- CORTESÃO, Armando; MOTA, A. Teixeira da (1960, 1962) – *Portugaliæ Monumenta Cartographica*, I a V, Lisboa.
- DAVEAU, Suzanne (1992) – “Algumas leituras para uma exposição”, *In A Pintura do Mundo. Geografia portuguesa e Cartografia dos Séculos XVI a XVIII*, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, pp. 11-20.
- DAVEAU, Suzanne (1995) – “Difusão e ensino da Cartografia em Portugal”, *In Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia* (coord. M. Helena Dias), Ed. Cosmos, Lisboa, pp. 85-123.
- DIAS, Maria Helena (1995, coord.) – *Os mapas em Portugal. Da tradição aos novos rumos da Cartografia*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1995.
- DIAS, Maria Helena (1996) – “As mapotecas portuguesas e a divulgação do património cartográfico nacional. Algumas reflexões”, *Cartografia e Cadastro*, n.º 5, pp. 43-50.

Arcaísmos e Progressos na Evolução do Conhecimento Cartográfico

- DIAS, Maria Helena; BOTELHO, H. Ferreira (1998, coord.) – *Quatro Séculos de Imagens da Cartografia Portuguesa*, Comissão Nacional de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.
- FERREIRA, Alves, et al. (1957) – *O mais antigo mapa de Portugal (1561)*, separata do Boletim do Centro de Estudos Geográficos, II, 12-13; 14-15, Coimbra.
- GARCIA, João Carlos (1995) – “As fronteiras da Lusitânia nos finais do século XVI”, In *Miscellanea Rosae Tanulmányok Rózsa Zoltán 5, Születésnapjára* (org. Rákóczi István), Mundus Magyar Egyetemi Kiadó, Budapest, pp. 137-153.
- GARCIA, João Carlos (1996) – “A configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos séculos XV a XVIII”, *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, n.º 41, vol. XI, Barcelona, pp. 293-321.
- HERNANDO, Agustin (1992) – “Los primeros mapas de España” In *Los mapas antiguos más bellos de España de 1483 a 1895*, Frame, Madrid, pp. 93-123.
- HERNANDO, Agustin (1995) – *El Mapa de España*, Centro Nacional de Información Geográfica, s.l.
- Mappas das Provincias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa* (...), (Introd. de S. Daveau), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1993.
- MILANESI, Marica (1993) – “La Cartografia italiana nel medio evo e nel rinascimento”, In *La cartografia Italiana, 3er Curs*, Institut Cartogràfic de Catalunya, Barcelona, pp. 13-78.
- RELAÑO, Francesc (1992) – “Paludes Nili. La persistencia de las ideas ptolemaicas en la cartografía renascentista”, *Geo.Crítica*, 96, Barcelona.
- RIBEIRO, Orlando (1971) – “Comentário geográfico a dois passos de ‘Os Lusíadas’”, *Finisterra*, VI, 12, pp. 246-247.
- RIMBERT, Sylvie; ALEGRIA, M. Fernanda (1978) – “La Cartographie analytique comme outil de recherche historique (...)”, *Recherches Géographiques à Strasbourg*, 8, Strasbourg, pp. 53-74.